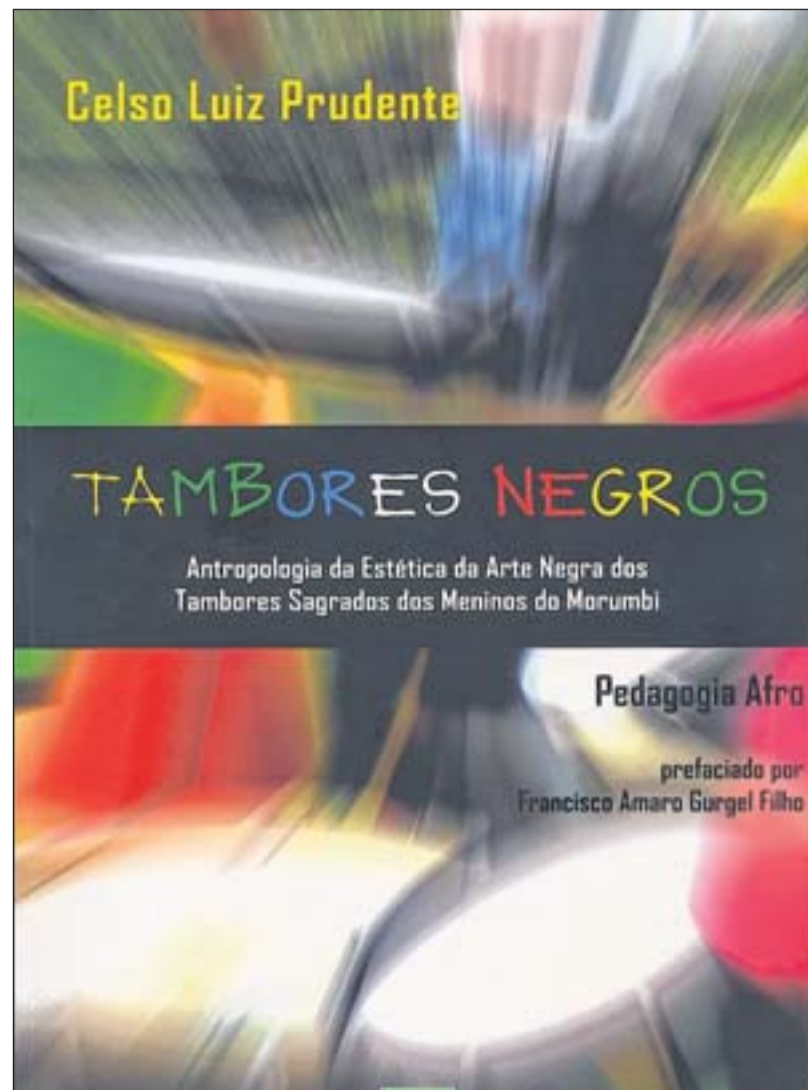




U.S. Consulate - São Paulo Embaixada dos Estados Unidos

O trabalho da Associação Meninos do Morumbi, baseada no bairro paulistano de mesmo nome é analisado no livro Tambores Negros

O autor mostra que a africanidade é um princípio de humanismo contemporâneo, pois ela tem como base a consciência de biodiversidade



TAMBORES SAGRADOS

A ARTE NEGRA dos meninos do Morumbi

ANTROPÓLOGO
CELSO PRUDENTE
ANALISA EM LIVRO
A PEDAGOGIA AFRO
QUE RESGATA A
IDENTIDADE
CULTURAL
DO NEGRO

LUIZ FERNANDO VIEIRA
DA REDAÇÃO

O antropólogo, cineasta e educador Celso Luiz Prudente, que é professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tem uma visão muito própria sobre a pedagogia. Para ele, há uma dicotomia entre educação e escola e existe um exemplo no Brasil de como se pode mudar uma visão que é resultado da postura eurocêntrica imposta. É o trabalho desenvolvido pela Associação Meninos do Morumbi, baseada no bairro paulistano de mesmo nome, que ele analisa no livro Tambores Negros (Editora Fiuza).

A obra, que traz como complemento do título “Antropologia da Estética da Arte Negra dos Tambores Sagrados dos Meninos do Morumbi”, tem como base a tese de doutoramento em Cultura defendida junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do professor doutor Afrânio Mendes Catani. Celso Prudente analisa o resultado da utilização de uma Pedagogia Afro cujo objetivo é o resgate da identidade cultural do afro-descendente e a consequente diminuição da evasão escolar e aumento da autoestima que advém de sua aplicação.

Ilustra como o trabalho de um músico erudito, o percussionista Flávio Pimenta, ajudou a diminuir a distância que havia entre as comunidades carentes e os moradores mais abastados daquela região da capital paulista. O músico, descreve Celso, pensou que, como a música desempenhava papel importante em sua vida, poderia também ajudar aqueles meninos e meninas pobres que olhavam maravilhados os palacetes, tão próximos e, ao mesmo tempo, tão distantes de suas realidades.

O antropólogo achou interessante o fato de Flávio usar a música dentro de uma cosmovisão africana, que se evidencia na compreensão da percussão para estabelecer um diálogo, uma interlocução. Uma interlocução que parte dos valores desses meninos. Segundo Celso, o

O professor Celso alerta que “a educação é um princípio filosófico, da ética que leva ao bem estar e que a escola monocultural é um instrumento ideológico de manutenção do status

percussionista idealiza uma escola que não é opressiva, que não é monocultural em dissonância com um país que é poliétnico. O estudioso alerta que “a educação é um princípio filosófico, da ética que leva ao bem estar. A escola monocultural é um instrumento ideológico de manutenção do status quo”.

A educação baseada na dinâmica sociocultural daqueles meninos tem como ferramenta os instrumentos africanos e afro-brasileiros. Por meio deles, “você leva essas crianças a um processo educacional, no sentido da palavra. E aí você vai estabelecendo interlocução”, explica Celso. O trabalho alcançou um resultado tão interessante que a associação obteve reconhecimento nacional e internacional, com visitas de artistas famosos e governantes do país e do exterior. Recebem inclusive convites para apresentações na Europa, salienta o autor. “Então, eles têm um grau de reconhecimento que gera um status que pressupõe um nível de um poder que é mais democratizado, mais horizontal”, analisa.

Cosmovisão africana - Segundo Celso, o trabalho realizado pela associação paulistana tem um ponto fundamental, que é o conhecimento essencial. “É um conhecimento que a pessoa aprende naturalmente, pois tem base nos valores da sua cultura”. Ele pressupõe uma relação horizontal. Todos têm voz e todos ouvem. Há um respeito pelo outro, acrescenta. Esse conhecimento essencial é substancial para a visão de “orixalidade” e de “tamboralidade” que o antropólogo apresenta no livro.

“A tamboralidade é um conceito em que você estabelece relações com base na consciência de biodiversidade que já vigia na cosmovisão africana. Pois quando você toca o tambor, esse tambor vem da árvore. Você tem que respeitar a árvore como uma expressão de vida e o que é expressão de vida é uma expressão sagrada”, define. Assim, o autor mostra que a africanidade é um princípio de humanismo contemporâneo, pois ela tem como base a consciência de biodiversidade. “Só essa consciência de biodiversidade salva o planeta Terra, que hoje vive em crise em função de uma lateralidade, de uma linearidade acumulativa do conhecimento ocidental, que é um conhecimento acumulativo, que não respeita a natureza”, afirma.

O culto dos orixás, por exemplo, é um culto à natureza, aos animais, às plantas, à água, à terra e também à pessoa. “Se você trata como divino, você respeita. Não tem como você não respeitar a árvore na África, na cosmovisão, porque ela é um orixá”, partindo desse pressuposto, a homossexualidade, por exemplo, não é algo criticado dentro dessa cultura. “A orixalidade é um princípio de acolhimento na qual a vida nunca será vista como deformidade e sim como grandeza”, frisa.

Em resumo, Celso explica que a escola monocultural, do ocidental, do caucasiano, “é uma formação para se negar a ética em favor de um poder que se estabelece no princípio acumulativo”. Mostrar isso vem sendo o esforço do estudioso, de sua antropologia filosófica. A pedagogia afro, continua ele, “é um questionamento à escola monocultural, que não consegue ser um centro educacional, mas um instrumento ideológico em favor da classe dominante”. E finaliza: “Existem gerentes do progresso quando nosso tempo espera sacerdotes do desenvolvimento. É nisso que eu acredito. É importante colocar”.

SERVIÇO: livro terá distribuição às livrarias em breve. Por enquanto, para adquiri-lo é necessário contatar a editora. O site é www.editorafiuza.com.br.



João Vieira